

Pedagogia cultural de empoderamento de sujeitos periféricos, negros e LGBTQIA+: uma análise do videoclipe de rap AmarElo

**Cultural pedagogy of empowerment of peripheral, blacks and LGBTQIA+ subjects: an analysis of
the rap video clip AmarElo**

**Pedagogía cultural de empoderamiento de sujetos periféricos, negros y LGBTQIA+: un análisis del
videoclip de rap AmarElo**

Recebido: 27/02/2021 | Revisado: 02/03/2021 | Aceito: 10/03/2021 | Publicado: 18/03/2021

Marcos Godoi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9238-4704>

Escola Municipal Madre Marta Cerutti, Brasil

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: marcos.godoi@cba.ifmt.edu.br

Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7703-1049>

Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação de Mato Grosso, Brasil

E-mail: juliannecaju@hotmail.com

Maria Aparecida de Matos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9036-6126>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: mariamatos@uft.edu.br

Resumo

A mídia e a música podem ser consideradas pedagogias culturais, que transmitem mensagens, ajudam a educar e a forjar identidades, em uma perspectiva ampliada de educação. Assim, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar o videoclipe da música “AmarElo”, do rapper brasileiro Emicida, as histórias de vida dos seus personagens e comentários de internautas como produtos de uma pedagogia cultural. O quadro teórico-metodológico se apoia nos Estudos Culturais e nas contribuições das teorias antirracista e *queer*. O método de análise baseou-se na Análise do Discurso e na Semiologia. O *corpus* foi composto pelo videoclipe, um vídeo sobre os personagens e em 12 comentários de internautas sobre o videoclipe. Os resultados revelaram que: os personagens são pessoas negras, LGBTQIA+ e moradores da periferia com histórias de vida de superação; o videoclipe aborda as dificuldades cotidianas dessas pessoas, e por outro lado, suas conquistas e empoderamento por meio do estudo, do trabalho, do esporte e das artes. Os internautas se identificam com a mensagem do videoclipe e têm uma postura crítica em relação ao racismo, à homofobia, ao sistema socioeconômico e ao sistema político conservador. O videoclipe “AmarElo” é uma pedagogia cultural de resistência, superação e encorajamento dos sujeitos que vivem na periferia, negros e LGBTQIA+.

Palavras-chave: Pedagogia cultural; Videoclipe; Rap; Resistência; Empoderamento.

Abstract

Mass media and music can be considered cultural pedagogies, which convey messages, help educate and shape identities, on a broader perspective of education. Thus, the objective of this research is to describe and analyze the music video for the song “AmarElo” by Brazilian rapper Emicida, its characters’ life stories, and Internet users’ comments as products of a Cultural Pedagogy. The theoretical and methodological framework is supported by Cultural Studies and among contributions from anti-racist and *queer* theories. The method of analysis was based on Discourse Analysis and Semiology. The *corpus* was built based of the music video, a video about it characters, and 12 Internet users’ about the music video. The results revealed that: the characters are black people, LGBTQIA +, and residents of outskirts of the city, with overcoming life stories; the music video addresses the daily difficulties of these people, and on the other hand, their accomplishment and empowerment through study, work, sports, and arts. Internet users identify with the music video’s message and have a critical stance towards racism, homophobia, the socio-economic system, and the conservative political system. The music video “AmarElo” is a Cultural Pedagogy of resistance, overcoming and empowerment of individuals living in the outskirts, black and LGBTQIA+ subjects.

Keywords: Cultural pedagogy; Music video; Rap music; Resistance; Empowerment.

Resumen

Los medios de comunicación y la música pueden considerarse pedagogías culturales que transmiten mensajes, ayudan a educar y a forjar identidades, en una perspectiva más amplia de la educación. Así, el objetivo de esta investigación es describir y analizar el video musical de la canción “AmarElo” del rapero brasileño Emicida, las historias de vida de sus personajes y los comentarios de los internautas como productos de una Pedagogía Cultural. El marco teórico y metodológico se apoyan en los Estudios Culturales y en las aportaciones de las teorías antirracistas y *queer*. El método de análisis se basó en Análisis del Discurso y la Semiología. El *corpus* se basó en el vídeo musical, un video sobre los personajes y los comentarios de 12 internautas sobre el vídeo musical. Los resultados revelaron que: los personajes son personas negras, LGBTQIA+ y residentes de la periferia de la ciudad, con historias de vida de superación; el video musical aborda las dificultades cotidianas de estas personas y, por otro lado, sus conquistas y empoderamiento a través del estudio, el trabajo, el deporte y las artes. Los internautas se identifican con el mensaje del vídeo musical y tienen una postura crítica hacia el racismo, la homofobia, el sistema socioeconómico y el sistema político conservador. El vídeo musical “AmarElo” es una pedagogía cultural de resistencia, superación y empoderamiento de sujetos que viven en la periferia, negros y LGBTQIA+.

Palabras clave: Pedagogía cultural; Vídeo musical; Rap; Resistencia; Empoderamiento.

1. Introdução

No início dos anos 2020 do século XXI, o Brasil ainda lida com várias mazelas sociais, como: o racismo, o machismo, a homofobia, o ataque aos povos indígenas e às nossas florestas, o desemprego, a fome. Soma-se ainda, que o país atravessa uma crise econômica, política, sanitária e educacional sem precedentes. Tudo isso tem contribuído para deixar uma parcela da nossa sociedade mais vulnerável, notadamente as pessoas com renda econômica mais baixa ou sem renda, principalmente se associadas a outros marcadores sociais e geográficos como: os moradores das periferias urbanas e os sem teto; a população rural, em especial os pequenos agricultores; os indígenas; as mulheres; os negros; @s lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexual e + outras variações da sexualidade e gênero (LGBTQIA+).

No entanto, uma parcela da sociedade tem se organizado e levantado sua voz contra as injustiças econômicas e sociais, seja se reunindo em torno dos movimentos sociais, de associações comunitárias ou em movimentos culturais. Este é o caso do hip-hop, esse movimento cultural surgiu no final dos anos 1960, nos Estados Unidos, unindo práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas das grandes cidades. O hip-hop é composto pela música *rap* (*Rhythm And Poetry*), pela dança de rua (*break*), pelo grafite e pelo basquete de rua. No Brasil, no final dos anos 1980 o hip-hop se tornou uma forma de mobilização e conscientização para os jovens das periferias, reivindicando cidadania e maior participação no mercado de trabalho e a luta contra a discriminação e a violência (Silva & Correa, 2008; Magro, 2002).

Segundo Madeira e Gomes (2018), apesar das ofensivas fundamentalistas e conservadoras que naturalizam violências, perpetuam desigualdades e ameaçam direitos conquistados, o campo democrático tem sido fortalecido por ações e estratégias de negros e negras. Em especial, os jovens das periferias têm protagonizado a busca de uma identidade negra fortalecida e de um combate ao extermínio da juventude negra, graças à cultura hip-hop e movimentos ligados à arte e estética urbanas e ao enfrentamento aos padrões opressores de corpo, cabelos e comportamento.

Com base nestas considerações, este artigo analisa e apresenta algumas reflexões sobre este fenômeno, a partir da discussão do videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019b), do rapper Emicida. A escolha deste objeto de estudo deve-se ao fato do álbum de mesmo nome ter ganhado o Grammy Latino em 2020 como melhor álbum de Rock e/ou música alternativa de língua portuguesa. Além disso, este videoclipe atingiu mais de 10 milhões de visualizações no YouTube, e também pelo fato de Emicida ser um cantor e intelectual brasileiro que tem se destacado na defesa da população negra. Acrescenta-se ainda que em 2020, Emicida, junto com o Laboratório Fantasma lançou na plataforma Netflix, o documentário “AmarElo: é tudo pra ontem”.

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi analisar o discurso do videoclipe em questão, bem como os comentários de internautas no YouTube, suscitados pelo mesmo. Nas páginas seguintes, serão apresentados o quadro teórico-metodológico

que sustentará análise, em seguida a análise e discussão do videoclipe e dos comentários dos internautas, finalizando com as considerações finais.

2. Percurso Teórico-Metodológico

A pesquisa localiza-se no campo dos Estudos Culturais e antirracista e da teoria *queer*. O campo dos Estudos Culturais tem um longo compromisso com as populações sem poder, preocupando-se com o terreno cotidiano das pessoas e com todas as formas pelas quais as práticas culturais falam as suas vidas e de suas vidas. Sustenta que as lutas em relação ao poder devem interagir e operar através das práticas culturais, da linguagem e da lógica do povo (Nelson, Treichler & Grossberg, 2001).

Atualmente, as pesquisas neste campo compreendem questões de nacionalidade e identidade, gênero e sexualidade, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e seus públicos, pedagogia cultural, política da identidade, discurso e textualidade, história e cultura global no pós-modernismo. Além disso, os Estudos Culturais entendem a cultura como forma de vida, que compreende ideias, atitudes, linguagem, práticas, instituições e estruturas de poder, bem como toda a gama de práticas culturais (Silva, 1999).

Por sua vez, Giroux (2001) sustenta que os Estudos Culturais ampliam a compreensão do pedagógico, para além das escolas. Segundo Giroux (Idem), a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, a música e as organizações religiosas também são locais de aprendizagem. Estes também são lugares pedagógicos, são pedagogias culturais, que estão a dizer de nós, tanto pelo que exibem quanto pelo que ocultam (Goellner, 2003). Cabe destacar duas noções que serão centrais para a compreensão do objeto de estudo: a resistência e o empoderamento da população.

No que tange à resistência, a população negra que é afetada pelo racismo estrutural, e uma parte, vive em meio à vulnerabilidade social e institucional e são vítimas de preconceito, exclusão social, desemprego, negação da identidade e de sua cultura, vem reinventando mecanismos de resistência para garantir sua sobrevivência. Essa experiência social e política desta população, tem demonstrado ao Estado e à sociedade, uma outra dinâmica de vida e de ação política coletiva. Nessa perspectiva, os movimentos, processos de lutas, afirmação identitária, expressão cultural são consideradas estratégias de resistência e de luta contra a ordem social de exploração e opressão vigente (Madeira & Gomes, 2018).

No que tange ao empoderamento, Berth (2018) argumenta que é um instrumento de emancipação política e social. Não significa retirar poder de um para dar para outro, mas o enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e a construção de uma sociedade com equidade. Em suas palavras, o empoderamento é: “um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e descontroem, em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas” (Idem, p. 42).

Em termos metodológicos, a escolha da método nos Estudos Culturais realizada de forma pragmática, estratégica e auto-reflexiva, ela depende das questões que são feitas e estas dependem do seu contexto (Nelson, Treichler & Grossberg, 2001). Neste sentido, o método utilizado nesta pesquisa baseou-se na Análise do Discurso (AD) de orientação francesa e na Semiologia.

A AD, “visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (Orlandi, 2003, p. 26). A AD compreende que a unidade pertinente de análise é o espaço de trocas enunciativas entre diversos discursos convenientemente escolhidos. O interdiscurso é entendido como uma prática discursiva e intersemiótica, que integra produções como imagens, fotografias, vídeos e figuras (Maingueneau, 2005).

Para apoiar a Análise do Discurso, recorre-se também às contribuições da concepção dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin, que concebe a linguagem como imanentemente social, ela existe no sujeito e na história, nas práticas

cotidianas, nas ações intersubjetivas. Para Bakhtin (1997), o meio social é o centro organizador de toda enunciação. As interações verbais realizada por meio das enunciações, constituem a verdadeira substância da língua, sendo que a palavra é um fenômeno ideológico por natureza, presente em todas as relações sociais. Há, assim, uma similaridade entre o conceito bakhtiniano de dialogismo e o conceito de interdiscurso de Maingueneau (2000), segundo o qual o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc.

Para a análise das imagens do videoclipe, será utilizada os aportes teóricos da Semiologia, ciência da linguagem que tem como fundadores Roland Barthes e Jacques Durand. Barthes (1990) distinguiu três tipos de signos. O primeiro deles, o signo linguístico, tem um significante ou mensagem literal ligado a um significado ou mensagem simbólica. O significante é denotado e dá suporte para o significado que é conotado, sendo que o domínio comum dos significados de conotação é a ideologia.

Já o segundo, o signo figurativo ou icônico dá a impressão de semelhança com a realidade, jogando com a analogia perceptiva e com os códigos de representação da tradição. Por último em terceira perspectiva, o signo plástico concorre para a construção de uma significação global e implícita, esse signos podem ser representados pela cor, formas, composição, textura e sons (Barthes, 1990). Por sua vez, Durand (1973) comprovou que a mensagem visual utiliza figuras de retórica – metáfora, hipérbole, sinédoque etc. – que acreditava-se que eram reservadas apenas ao signo linguístico.

O *corpus* de análise foi composto por: a) informações sobre as histórias dos personagens do videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019a); b) o videoclipe da música em questão (Emicida, 2019b); c) e 12 comentários de internautas sobre o vídeo no YouTube (Emicida, 2019b). A seleção do *corpus* foi arbitrária porque considerou a pertinência ao objetivo da pesquisa.

O videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019b), até a data de 09/02/2021, quando foi estabelecido um marco temporal desde o seu lançamento, de um ano e sete meses, gerou mais de 21 mil comentários de internautas. Como seria impossível analisar todo esse material, foram selecionados alguns comentários das últimas 100 postagens, triados pelo YouTube na forma de “melhores comentários”, em oposição aos mais recentes. Vale notar que a transcrição dos comentários foi realizada da mesma forma que os internautas escreveram, porém os nomes de seus autores foram substituídos por internauta 1, 2, 3 etc. Os comentários foram selecionados depois de várias leituras da triagem de “melhores comentários”. Eles foram agrupados em quatro temas que emergiram durante a leitura do material: (1) a importância dos estudos; (2) o sofrimento psíquico; (3) a união e representatividade do rap com os LGBTQIA+; e (4) o contexto político atual.

As categorias da AD mobilizadas na análise do *corpus* foram: intertexto, interdiscurso, escolha de palavras e de imagens, tema, modalização apreciativa (ou apreciação), compreensão responsiva do discurso, subentendidos. As categorias da Semiologia mobilizadas na análise foram: signos icônicos ou figurativos, signos plásticos e figuras de retórica (metáfora, sinédoque, hipérbole).

3. Análise e Discussão dos Resultados

A seguir, será apresentada a análise do material de pesquisa, dividida em três tópicos: as histórias dos personagens que participam do videoclipe AmarElo; a descrição e análise do videoclipe; e em seguida, a análise de alguns comentários de internautas sobre este clipe.

3.1 As personagens do videoclipe AmarElo

Além do videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019b), o cantor e rapper Emicida também fez o roteiro e publicou um vídeo com o título “As histórias por trás do clipe” (Emicida, 2019a), que conta as histórias de vida dos personagens que aparecem no videoclipe. Este vídeo está disponível no YouTube e tem duração de 7 minutos e 45 segundos (Emicida, 2019a).

As brasileiras e brasileiros que aparecem no seu videoclipe são: uma professora de balé, um rapper, uma estilista, um bacharel em direito, um atleta e três dançarinos. A primeira delas é a professora de balé Tuani Nascimento, que tem 25 anos, mora no Complexo do Alemão e desenvolve o projeto de balé “Na ponta dos pés”. Ela explica sua realidade:

Tuani Nascimento: A nossa realidade de favelada é quanto ao confronto constante entre policiais e traficantes e que constantemente a gente está no meio dessa linha de tiro. As aulas são nessa quadra, a gente está construindo o nosso espaço ainda. Então até a gente ter o nosso espaço seguro, constantemente a gente tem as aulas canceladas, a gente já teve aula e ter confronto e a gente não ter aonde se esconder, porque a quadra é aberta. Enfim a gente existe e resiste (Emicida, 2019a).

O próximo personagem é Luiz Cláudio, o rapper Sativamente. Ele tem 25 anos e é cadeirante. Ele conta que foi criado pela sua mãe e que perdeu os homens de sua família por diferentes motivos: baleados, acidente, cirrose. Luiz também se envolveu com o crime, mas conseguiu sair. Porém, com algumas sequelas. Tudo o que passou, serviu para ele reestruturar sua vida:

Luiz Cláudio [ou Sativamente]: E tudo isso que eu vivi trouxe conhecimento para mim e com esse conhecimento eu vejo o que eu posso fazer hoje, flagra? Com o que eu sou hoje e hoje eu me vejo fazendo rap, fazendo música, eu me vejo atuando em novela, filme, série, curta seja o que for. Eu me vejo como atleta ganhando diversos mundiais por aí. Eu me vejo como uma pessoa que vai espalhar o bem por onde passar. Assim eu me vejo hoje, essa é a minha missão, é por isso que eu permaneço aqui até hoje. Assim eu acredito. E hoje tamo aí, no clipe do Emicida (Emicida, 2019a).

A personagem seguinte é a estilista e costureira “de raiz”, Lu Costa, de 51 anos. Em seu depoimento no vídeo ela contou sua história de vida:

Lu Costa: Depois de quase 20 anos lutando para ter o meu atelier do jeito que eu sonhei, eu perdi tudo em 20 minutos. Foi um incêndio que devastou a minha vida, foi um incêndio que mudou a minha vida para sempre. Hoje eu carrego ele aqui nas minhas costas numa fênix, quando fez um ano eu fiz esta [tatuagem de] fênix (Emicida, 2019a).

Em seguida, o vídeo mostra Jair Vieira (Jau ou Big Jau), que tem 26 anos, é bacharel em Direito e morador de um bairro pobre da Zona Norte do Rio de Janeiro. Ele conta que estudou numa escola particular do bairro, mas ele era um dos poucos negros da escola. Depois ele conseguiu entrar numa faculdade particular para estudar direito. Ele ainda diz que:

Jair Vieira: Como a gente é pobre e negro a gente quer comprar as coisas e nossos pais não têm. Então eu trabalhava sempre para ter e estudava. Hoje eu estou formado na área, sou bacharel ainda, mas estou no corre para pegar a minha Ordem, para poder estar aí advogando e calando a boca do sistema. Enfim, mais um preto formado numa das maiores faculdades particulares, a primeira do Brasil (Emicida, 2019a).

O próximo personagem é o para-atleta de lançamento de disco, Vanderson Alves da Silva, de 36 anos e que tem uma perna amputada. Ele nasceu em Barra Mansa, sul do estado do Rio de Janeiro. Quanto ele tinha 15 anos, ia atravessar uma linha de trem e sua perna ficou enroscada. O trem veio e passou por cima. Ele perdeu cinco litros de sangue e ficou esperando socorro. Depois teve que amputar uma perna acima do joelho.

Vanderson Silva: Logo depois dessa trajetória, foi um período muito longo para a minha recuperação. Não tive reabilitação nenhuma. Como forma de reabilitação, [...] no período de verão eu ia para o rio ou para cachoeira fazer

natação com meus amigos como forma também de eu me integrar de novo e fazer também as coisas que eu fazia, como andar de bicicleta e nadar. Então eu era levado automaticamente pelos meus amigos. Todo dia tinha sempre um lá na minha casa [...], me motivando para eu sair e fazer as coisas que eu fazia (Emicida, 2019a).

Os próximos três participantes do videoclipe são dançarinos:

Ronald Yuri [Sheik]: [...] Eu sou cria do Complexo da Maré. Eu estou na minha correria do passinho [estilo de dança] faz uns 10 anos aí. Eu estou nesse corre. Já viajei nove países, graças a Deus, graças a Exú, muito Axé! Eu estou no meu corre mano! [Risos]. Já trabalhei em três companhias de dança e tudo nessa fazendo teste, correndo atrás, indo lá, tá ligado? (Emicida, 2019a).

Os dois últimos personagens são irmãos gêmeos:

Jefferson Alves [ou Faíska Alves]: Nós temos 18 anos e somos cria dessa comunidade que fica aqui em São Gonçalo que é conhecida como Complexo da Alma (Emicida, 2019a).

Wellington Alves [ou Fumassa Alves]: [...] Eu operei o coração quando eu era criancinha, menino bem pequeno. E eu lembro que na minha infância isso era algo muito ruim para mim, eu tinha um certo preconceito com a minha cirurgia, sabe? [...] Mas aí eu fui [...] vendo que poxa, pra mim passar por tudo que o passei e estar aqui hoje contando a minha história, eu falei “Caraca mano!” Hoje eu sei que essa cicatriz que eu carrego no peito não foi apenas uma cirurgia, mas um traço para marcar a minha vida e mostrar como que Deus é comigo (Emicida, 2019a).

Todos os participantes do videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019b) são negras e negros, moradores de comunidades periféricas do Rio de Janeiro, de diferentes gêneros e idades, com diferentes tipos corporais (magro, atlético, gordo, amputado, cadeirante, com tatuagem, com marcas de cicatrizes, de cabelos com *dreads*).

Na perspectiva dos Estudos Culturais, representação é um conceito-chave, é um processo de produção de significados sociais. É por meio do discurso e dos significados que o mundo social é representado e conhecido de certa forma e não de outra. Os significados não são criados de forma individual e desinteressada, mas são produzidos e postos em circulação mediante relações sociais de poder (Silva, 2001). Ademais, segundo Bakhtin, todo signo é ideológico, pois toda imagem artístico-simbólica gerada por um objeto físico (no caso, os diferentes corpos no videoclipe) é um signo, que faz parte da realidade material, mas também reflete e refrata uma realidade exterior (Bakhtin, 1997).

O que estas personagens têm em comum é que são negros, moradores da periferia e com histórias de vida de superação: desenvolver um projeto social no meio do fogo cruzado entre polícia e traficantes; se envolver com o crime, mas sair para investir na área artística; superar um incêndio no local de trabalho e reconstruí-lo; investir nos estudos e na carreira; sofrer um acidente, amputar uma perna e investir no esporte; se dedicar a dança; superar o preconceito internalizado em relação à uma cicatriz; dentre outros desafios.

Algumas sequências discursivas das personagens reforçam o significado da superação e resistência: “Enfim, a gente existe e resiste” (Emicida, 2019a); “E tudo isso que eu vivi trouxe conhecimento para mim [...]” (Emicida, 2019a); “mais um preto formado numa das maiores faculdades particulares” (Emicida, 2019a); “Já trabalhei em três companhias de dança e tudo [...] correndo atrás, indo lá, tá ligado?” (Emicida, 2019a); “Hoje eu sei que essa cicatriz que eu carrego no peito [...] um traço para marcar a minha vida e mostrar como que Deus é comigo” (Emicida, 2019a). Além disso, a tatuagem da fênix que Lu tatuou em suas costas é uma metáfora para significar renascimento, superação. Na mitologia grega, a fênix é uma ave que quando morria entrava em combustão e depois ressurgia das cinzas. Segundo Cegalla (2009), a metáfora funciona como um desvio da significação de uma palavra, pode se originar na comparação mental ou das características comuns entre dois seres ou fatos.

Há também uma demonstração de orgulho da origem periférica quando os personagens falam de suas origens. Vale notar que a população que habita na periferia encontra nela um lugar de pertencimento e acolhimento, um meio de sobrevivência e de ter alguma dignidade frente à desumanização de seus corpos, predominantemente negros. Porém, para uma minoria da sociedade, a periferia é sinônimo de problemas sociais, criminalidade e insegurança (Gaia et al., 2020).

Ademais, para a elite brasileira que tem uma mentalidade calcada no racismo estrutural, é necessário fomentar a segregação social para manter seus interesses hegemônicos intactos (Souza, 2018). Os Estudos da teoria crítica racial revelam que os fatos históricos, sociais, políticos, jurídicos, culturais e econômicos explicam porque a sociedade brasileira é estruturalmente racista. De acordo com Almeida (2018), o racismo está institucionalizado no imaginário nacional brasileiro, já que por muitos anos a condição do negro na sociedade foi ignorada pelo Estado, responsável por garantir a igualdade e a equidade à todas e todos.

3.2 Descrição e análise do videoclipe AmarElo

O videoclipe da música AmarElo (Emicida, 2019b) tem 8 minutos e 54 segundos de duração; tem a participação das cantoras Majur e Pabblo Vittar e foi postado no YouTube no dia 25 de junho de 2019. A letra é do rapper Emicida, a música de Felipe Vassão e DJ Duh, sendo que a gravadora é o Laboratório Fantasma.

O videoclipe começa com um áudio com uma voz de um jovem que não aparece em cena, esse signo plástico de forma, remete à uma mensagem de áudio de telefone, de um jovem para seu tio ou amigo. Esse jovem parece estar deprimido e está tomando remédio para depressão:

Jovem: [...] eu odeio essa coisa de me colocar no papel de vítima, porque eu não sou vítima de porra nenhuma, tá ligado? [...]. Parece que depois daquela merda lá tio, eu tenho que eu demonstrar que eu tô bem todo dia e nenhum ser humano consegue estar bem todo dia, tá ligado? [...]. Eu não me sinto realizado como ser humano, tá ligado mano? Como filho. Ainda eu não consigo me encaixar nesse plano aqui tio. E a cobrança espiritual é muito louca dentro de mim, tá ligado? [...]. Eu sinto medo de ter feito escolhas erradas a ponto de não poder mudar mais, tá ligado? Mas às vezes eu fico pensando que essa porra está na minha cabeça, tá ligado mano? E é tipo foda meu irmão, é uma doença essa porra mano. Parece que essas porra de remédio não adianta merda nenhuma, [...]. Sei lá mano! Eu só precisava falar alguma coisa para alguém memo. [chora] Ah... É isso tio (Emicida, 2019b).

Essa primeira parte dura 2 minutos e 50 segundos, o áudio é ilustrado por imagens bastante lentas; aparece um sol entre nuvens escuras, em seguida, alternam-se imagens que se passam durante o dia ou a noite em uma metrópole. Há cenas que remetem à área central do centro do Rio de Janeiro (por ex.: Av. Presidente Vargas) ou da periferia vistas do alto. Também aparecem pontes, viadutos, terraços de prédios, do mar, do porto do Rio de Janeiro, de grades e de arame farpado, mas também da onda quebrando na praia, de pássaros voando, de pessoas numa montanha russa. Quando as pessoas aparecem, elas são vistas caminhando, de costas para a câmera. Em determinado momento (Emicida, 2019b, 1m13s), a câmera se aproxima do corrimão de uma ponte sob o mar. Além disso, alternam-se também imagens de semáforos hora com sinal amarelo, vermelho ou verde acesos, uma placa de trânsito vire à direita, de câmera de vigilância. Outras cenas se passam no interior de uma casa simples, um colchão no chão, uma geladeira aberta praticamente vazia, a chama do fogão acesa, remédios sobre um balcão, uma pia com marcas de sangue e com a torneira aberta, sangue escorrendo para o ralo do banheiro.

Nesse sentido, as imagens do videoclipe podem ser percebidas em complementaridade com o discurso que compõem a parte em áudio. As imagens da cidade e das pessoas são signos icônicos, ou seja, jogam com a analogia perceptiva e com os códigos de representação da tradição (Barthes, 1990). Os espaços parecem desabitados, vazios. As pessoas estão distantes, nos dando as costas para seguir suas vidas. Em nenhum momento aparece o rosto das pessoas. Essas imagens conotam o retrato de um mundo triste, insensível e cruel. O jovem narrador do áudio é invisível, há aqui uma sinédoque, ou seja, uma figura de

linguagem que representa a parte pelo todo (Cegalla, 2009). No caso, ele representa os jovens periféricos e seu cotidiano de dificuldades e sofrimento psíquico.

A montanha russa parece ser uma metáfora que remete aos altos e baixos da vida, há pessoas eufóricas, mas a euforia efêmera delas não é a do jovem narrador. Além disso, as cenas da aproximação do corrimão de uma ponte e do sangue no banheiro remetem ao suicídio. Há também a metáfora do semáforo, que organiza o trânsito e pode significar atenção (amarelo), pare (vermelho) ou siga em frente (verde). O amarelo em especial é de interpretação ambígua, pode significar pare que o sinal vermelho está próximo ou acelere! No caso do vídeo, o uso desta metáfora significa não o trânsito, mas o curso da vida.

Vale notar também, tanto nesse áudio, quanto nas falas dos personagens mais jovens do videoclipe ou na letra da música AmarElo, o uso de expressões típicas dos jovens, em especial, os das periferias (Godoi, Dummel, & Sá 2016), como: “tá ligado?”, “é tipo foda meu irmão”, “porra mano”, “flagra?”, “eu estou no meu corre mano”, “caraca mano!”, “nóiz”. Conforme Bakhtin (1998), cada época, geração e camada social tem sua linguagem social, e são guiadas por princípios orientadores funcionais de conteúdo temático ou sócio-dialetológico. Essa linguagem dos personagens do videoclipe é também a do hip hop. Silva (1995) argumenta que os elementos vocais, ora falado e ora cantado, as artes visuais e o movimento da dança presentes na cultura hip-hop, são recriações de práticas culturais das pessoas oriundas da diáspora negra.

Antes do início da música, aparece a imagem de um semáforo com a luz verde acesa e a inscrição “Emicida: AmarElo: part. Majur¹ e Pabblo Vittar², dirigido por Sandiego Fernandez, Laboratório Fantasma”, logo depois a luz amarela do sinal acende. A cor faz parte dos signos plásticos que contribuem para a construção de uma significação global e implícita (Barthes, 1990). O amarelo tem o significado associado ao sol, a alegria, a felicidade, ao calor, a prosperidade, a descontração e ao otimismo e é a mesma cor da campanha de prevenção ao suicídio. A presença desta cor no videoclipe pode ser associada à exaltação de tais significados, na cultura popular, em especial a do Brasil. Além disso, a grafia de AmarElo também constitui um signo plástico de forma, o “E” maiúsculo no meio faz a palavra gerar dois significados “amar” e “elo”, união.

Em síntese, esta introdução mostra a situação de um jovem periférico e sua luta para superar a depressão, que quer pedir ajuda, mas sem se vitimizar. Ele desabafa, sente medo e dúvida em relação ao que está vivendo, está tomando remédio para se curar, é um pedido de socorro. Sendo assim, esta introdução constrói um sentido de sofrimento psíquico do enunciador e até mesmo sugere um suicídio.

Segundo dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2018), o risco de suicídio entre adolescentes e jovens negros e pardos é 45% maior do que entre brancos, sendo que o maior risco está ligado ao racismo estrutural. Por sua vez, Gaia et al., (2000), alertam que é comum que uma coletividade vulnerabilizada sofra psicologicamente. Este sofrimento pode estar associado tanto à ansiedade por um “futuro melhor”, quanto à frustração da certeza de que as oportunidades são muito pequenas na realidade periférica. Tais mudanças envolveriam a revisão da estrutura social desigual e a assimetria em relação à sociedade branca elitizada.

Continuando com a descrição do videoclipe, começa uma mostra (em inglês *sample*) da música “Sujeito de sorte”, de Belchior que diz:

Presentemente eu posso me / Considerar um sujeito de sorte / Porque apesar de muito moço / Me sinto são e salvo e forte / E tenho comigo pensado / Deus é brasileiro e anda do meu lado / e assim já não posso sofrer / No ano passado /

¹ Majur é uma cantora e compositora de Salvador-BA, é negra e se identifica como uma pessoa trans não-binária, ela começou a cantar aos cinco anos de idade no coral da Orquestra Sinfônica da Juventude de Salvador (Brunt, 2019). Seu pai abandonou a família quando ela era pequena e precisou catar material reciclável com sua mãe para se sustentar (Marques, 2019).

² Pabblo Vittar é uma cantora *drag queen*. Foi criada pela sua mãe, nunca conheceu seu pai e sofreu *bullying* na escola. Também é conhecida pelo seu ativismo em prol das causas LGBTQIA+. Em 2019, Vittar foi eleito pela revista Time (2019) como uma das lideranças da próxima geração e foi citada pelo The Guardian (Phillips, 2017) como um símbolo de resistência.

Tenho sangrado de mais / Tenho chorado pra cachorro / Ano passado eu morri / mas esse ano eu não morro / (Belchior, 1976 apud Emicida, 1999b).

A partir desse momento no videoclipe (Emicida, 2019b, 2m50s), o movimento da câmera é um pouco mais fluído, tem mais cores e as personagens são apresentadas aos poucos. No entanto, seus rostos não são enquadrados, elas aparecem de costas ou apenas partes de seus corpos. O vídeo mostra uma cadeira de rodas sem ninguém, a porta de uma casa simples fechada, um jovem com bilhetes de passagens aéreas, uma pessoa se exercitando na sala de musculação, uma mulher costurando, dois gêmeos sentados com o sol raiando atrás, uma bailarina amarrando suas sapatilhas e depois dançando, um jovem estudando em casa, uma faixa amarela simples e contínua na rua, o quadro de fotos de uma criança vestida com beca. Deste modo, temos aqui o uso da sinédoque, que mostra a parte pelo todo na apresentação parcial das personagens. Além disso, temos as metáforas da faixa contínua amarela e a do quadro de foto da criança com a beca. A primeira significa a proibição de ultrapassagem, a segunda, o orgulho de ter se formado.

AmarElo faz um intertexto, ou seja, a presença de um texto em outro (Maingueneau, 2000), com um trecho da música *Sujeito de Sorte*. Belchior compôs esta música em 1973, em plena ditadura militar. De certo modo, a música dialoga com a situação sociopolítica do Brasil atual, depois do golpe contra a Presidenta Dilma Roussef e da ascensão da extrema-direita, conservadora, armamentista e militarista no poder. Se antes, os jovens brasileiros que lutavam pela democracia sofriam com a opressão, perseguição e morte; atualmente, sofrem com a política nefasta da extrema-direita, com a supressão de direitos sociais e também com o assassinato da população periférica, incluindo as pessoas negras e LGBTQIA+.

Segundo dados do Atlas da Violência 2020 (IPEA, 2020), em 2018, 75,7% das vítimas de homicídio eram negras (soma de pretos e pardos). Os jovens representam 53,3% da taxa de homicídios no país, que atinge principalmente os moradores da periferia e de áreas metropolitanas. Além disso, 68% das mulheres assassinadas em 2018 eram negras (IPEA, 2020), e os negros correspondem a metade das notificações de violência contra LGBTQIA+ no Brasil, enquanto os brancos representam 41,4% dos registros (Figueiredo, 2020).

Apesar de ter sangrado e sofrido, o enunciador tem uma visão otimista, de esperança, pois se considera um sujeito de sorte por estar são, a salvo, forte e ter a proteção divina. Em suma, os versos de Belchior têm o sentido de resistência, de resiliência, de superação. Depois, Emicida aparece no vídeo numa quadra de esportes, uma metáfora de jogo esportivo, cercada de grades com vistas para uma comunidade no morro. Enquanto ele caminha, há um som de fundo que se assemelha às batidas do coração. Este signo plástico, constrói assim, o significado de pulso, de vida. Ele começa a cantar:

Eu sonho mais alto que drones / Combustível do meu tipo? A fome / Pra arregaçar como um ciclone (Entendeu?) / Pra que amanhã não seja só um ontem / Com um novo nome / O abutre ronda / Ansioso pela queda (Sem sorte) / Findo mágoa, mano / Sou mais que essa merda (Bem mais) / Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda / Estilo água, eu corro no meio das pedra / Na trama tudo os drama turvo / Eu sou um dramaturgo / Conclama a se afastar da lama / Enquanto inflama o mundo / Sem melodrama, busco grana / Isso é Hosana em curso / Capulanas, catana / Buscar nirvana é o recurso / É um mundo cão / Pra nóiz perder não é opção, certo? / De onde o vento faz a curva / Brota o papo reto / 'Num deixo quieto / Não tem como deixar quieto / A meta é deixar sem chão quem / Riu de nóiz sem teto (Vai!) (Emicida, 2019b).

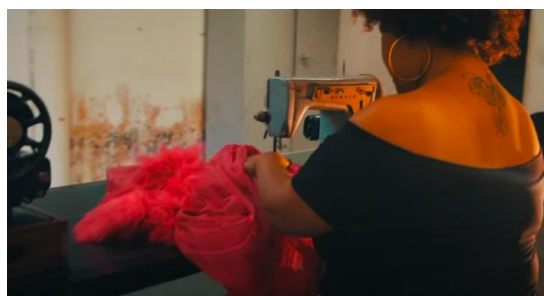
Durante este trecho do videoclipe aparecem imagens de Emicida cantando na quadra de esportes ou em outros espaços da comunidade, alternadas com imagens das personagens do videoclipe dando aula de balé, estudando, treinando musculação e dançando.

Figura 1: Tuani dando aula de balé.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 2: Lu Costa costurando.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 3: Juarez estudando



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 4: Ronald Yuri dançando



Fonte: Emicida (2019b)

O discurso da música AmarElo alterna representações de dor e sofrimento com resistência, luta e superação das dificuldades da vida. As palavras ou expressões: “fome”, “abutre”, “queda”, “mágoa”, “pedra”, “drama turvo”, “lama”, “mundo cão”, “sem teto” nos remetem aos problemas e dificuldades de muitos dos moradores das periferias das metrópoles brasileiras, das pessoas empobrecidas, negras e LGBTQIA+. As palavras não são escolhidas aleatoriamente, pelo contrário, ao escolher as palavras do enunciado e o gênero do discurso (no caso do videoclipe o gênero rap), partimos das intenções que presidem o seu todo. A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam a estrutura da enunciação, ou seja, as palavras são orientadas em função do interlocutor e do auditório social (Bakhtin, 2003).

Por outro lado, o enunciador constrói seu discurso buscando levar uma mensagem otimista para os seus interlocutores, com metáforas para expressar esta positividade: do sonho que voa mais alto do que drones, da fome como combustível de mudança, da força de um ciclone, da água que corre entre pedras, do papo sincero dos lugares simples, da busca de dinheiro sem drama. Ou seja, apesar das dificuldades dos moradores da periferia, há margens de manobra e alternativas de superação. Algumas dessas expressões também podem ser consideradas hipérboles, ou seja, uma figura de linguagem que proclama uma ideia de maneira exagerada (Cegalla, 2009).

A esse respeito, Jameson (2001) observa que toda a política cultural pode confrontar a alternância retórica entre o orgulho da afirmação do grupo cultural e a diminuição estratégica dessa força. Tal política pode ressaltar imagens inspiradoras do heroísmo subalterno (mulheres fortes, heróis negros, a resistência dos colonizados) a fim de encorajá-los; ou pode insistir na miséria e na opressão do grupo para causar indignação, tornar a situação conhecida ou para convencer partes da classe dominante para a causa.

Para acabar com a mágoa e o sofrimento, Emicida sugere na letra do rap a união entre corpo, mente e espírito e faz um interdiscurso com as culturas tradicionais africanas e orientais, por meio das palavras “ayurveda”, “capulana”, “catana” e “nirvana”. Ayurveda, em sânscrito significa o conhecimento (veda) da longevidade (ayus) (Deveza, 2013). É o sistema medicinal tradicional da Índia, surgido há cerca de 7 mil anos e que continua a fazer parte da medicina oficial naquele país. Capulana é um tecido tradicionalmente usado pelas mulheres de Moçambique, em diversas situações da vida, festas de

nascimento, de colheita, de casamento, velórios. Este pano é usado para cingir o corpo ou a cabeça, como saia ou para carregar trouxas ou crianças nas costas (Assunção & Aiúba, 2017). Catana é o nome dado ao facão na África lusófona e no Rio Grande do Norte, instrumento muito utilizado para cortar mato e pequenos arvoredos.

Já a palavra nirvana segue na linha da integração entre corpo, mente e espírito. Esta palavra nos remete para as culturas orientais. Buscar a nirvana é um recurso, ou seja, um meio para a superação da situação de opressão. Nirvana significa soprar ou ser assoprado. No budismo é a libertação do sofrimento, do apego aos sentidos, do material, da existência e da ignorância, a busca da paz interior e da essência da vida (Hart, 2012). No hinduísmo, o nirvana remete à libertação do ciclo do nascimento e da morte e à iluminação espiritual (Idem).

Voltando a descrição do videoclipe, a cantora Majur canta o refrão da música de Belchior (1976). Em seguida, Emicida volta a cantar outro trecho da música AmarElo:

Figurinha premiada, brilho no escuro / Desde a quebrada, avulso / De gorro alto do morro e os camarada tudo / De peça no forro e os piores impulsos / Só eu e Deus sabe / O que é num ter nada, ser expulso / Ponho linhas no mundo / Mas já quis pôr no pulso / Sem o torro, nossa vida não vale / A de um cachorro triste / Hoje cedo não era um hit / Era um pedido de socorro / Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz / Onde a plateia só deseja ser feliz / Com uma presença aérea / Onde a última tendência é depressão / Com aparência de férias / Vovó diz, odiar o diabo é mó boi (Mó boi) / Difícil é viver no inferno, e vem à tona / Que o mesmo império canalha que não te leva a sério / Interfere pra te levar à lona. Revide! (Emicida, 2019b).

Neste momento, mais uma vez alternam-se imagens dos cantores Emicida e Majur cantando na comunidade e cenas do cotidiano dos personagens, tais como:

Figura 5: Vanderson lançando o disco.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 6: a professora Tuani dançando balé.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 7: o rapper Sativamente.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 8: Lu Costa com coroa ao lado de modelos.



Fonte: Emicida (2019b)

Nesse trecho também temos uma representação do sofrimento e das dificuldades da população que vive na periferia nas palavras ou expressões: “avulso”, “o que é num ter nada”, “piores impulsos”, “cachorro triste”, “já quis por linhas no pulso”, “rancor”, “tumor”, “depressão”, “odiar o diabo”, “viver no inferno”, “te levar à lona”. Aqui o tema da depressão e do

sofrimento psíquico vem à tona novamente. Sofrimento este que pode emergir quando não há esperança, quando a estrutura social não se mostra porosa à transformação, o sujeito pode cristalizar-se e aceitar passivamente sua condição social, inclusive o sofrimento decorrente do reconhecimento da possível imutabilidade (Gaia et al., 2020).

No entanto, nesse trecho é possível identificar expressões encorajadoras, que buscam empoderar os jovens periféricos, negros e LGBTQIA+: “figurinha premiada”, “brilho no escuro”, “deseja ser feliz”, “revide”. Este trecho termina com a seguinte sequência discursiva: “Que o mesmo império canalha que não te leva a sério / Interfere pra te levar à lona. Revide!” (Emicida, 2019b). Pode-se interpretar o “império” como a sociedade capitalista, a estrutura social desigual, o racismo estrutural na sociedade brasileira. Emicida faz então uma provocação: “Revide!”, ou seja, não se deixe se abater, encontre seu talento, estude, trabalhe, lute! Esta construção de sentidos é complementada pelas imagens dos personagens no vídeo. Visualmente, eles estão treinando, trabalhando, se esforçando, mas ainda não esboçam sorrisos ou alegria. No entanto, para Almeida (2018) esse discurso do “esforce-se” e da “representatividade negra”, não são suficientes para combater o racismo estrutural, pois eles não protegem verdadeiramente os negros e as negras de sofrerem as violências emocionais e físicas. É preciso, segundo Almeida (Idem), compreender os estigmas depositado na população negra e mudar as estruturas que produzem, reproduzem, apoiam, criam e recriam o racismo diariamente.

Dando sequência ao videoclipe AmarElo (Emicida, 2019b), Majur volta a cantar o refrão da música de Belchior. Na sequência, começa a participação da Pabblo Vittar, que canta:

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes / Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes / Que nem devia tá aqui / Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes / Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? / Alvos passeando por aí / Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes / Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência / É roubar um pouco de bom que vivi / Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes / Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes / É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir / (Emicida, 2019b).

Mais uma vez, há uma alternância de cenas das cantoras e das personagens do vídeo. Nestes versos a enunciadora Pabblo pede permissão para falar, mas não as suas “cicatrizes”, metáfora para evocar o sentido das dores e dificuldades enfrentados pel@s LGBTQIA+ em relação ao preconceito, discriminação e violência. No entanto, ela faz uma modalização apreciativa de que as cicatrizes são coadjuvantes, figurantes e nem deveriam existir. Ademais, a dor rouba a voz desta população e os deixa mais vulneráveis, “alvos”, fazendo referência às vítimas de agressões ou assassinatos. Na modalização apreciativa o enunciador apresenta um estado de coisas estabelecidas e ao mesmo tempo faz um juízo de valor sobre elas (Maingueneau, 2000). Por sua vez, Bakhtin (1997) argumenta que na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação.

Pabblo canta, ainda, que não é possível se resumir à sobrevivência, pois se for assim, um pouco do que viveu é roubado, um subentendido de que existem outros aspectos da vida além do sofrimento. Há uma apreciação de que é um crime achar que as mazelas a definem. Em seguida, o discurso em “eu” é substituído pelo discurso em “nós”, “é dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”. O “nós” é usado no discurso para designar um sujeito coletivo (Maingueneau, 2002). Deste modo, a música AmarElo busca unir as lutas dos sujeitos periféricos e negros com as lutas d@s LGBTQIA+.

Depois Pabblo Vittar e Majur cantam o refrão da música de Belchior; com a participação delas no videoclipe, temos a figura de duas cantoras que representam a população LGBTQIA+. Conforme Ferreira e Cristóvão (2019), a discussão da diversidade sexual ganha força aliada ao rap, uma vez que este gênero tem uma tradição de fazer ouvir vozes silenciadas, o que implica uma tomada de consciência acerca do lugar de falas desses sujeitos (Ferreira & Cristóvão, 2019), que neste caso em análise, representa, tal como os sujeitos periféricos e os negros, pessoas socialmente marginalizadas.

Vale notar aqui alguns *insights* da teoria *queer*. Seguindo a teorização feminista sobre gênero, a teoria *queer* estende a hipótese da construção social para o campo da sexualidade. Ela radicaliza a possibilidade de livre trânsito entre as fronteiras da identidade e a

possibilidade do cruzamento de fronteiras. Nesta perspectiva, a *drag queen*, o travestismo e a mascarada são metáforas para a subversão do conforto, da ilusão e da prisão da identidade fixa. Pensar *queer* significa então contestar, questionar e problematizar as formas bem comportadas de identidade e conhecimento (Louro, 2018; Silva, 1999). Nesta perspectiva, Louro (2018) destaca que na sua “imitação do feminino”, as *drags queens* subvertem a ideia de gênero como algo fixo, a crítica paródica pode ser altamente subversiva e revolucionária, provocando desconforto, fascínio e curiosidade. Além disso, com as misturas, excessos, justaposições inesperadas e ambíguas, a *drag* assume a transitoriedade, ela tem mais de uma identidade.

Continuando a descrição do videoclipe (Emicida, 2019b), em seguida, Emicida diz a seguinte mensagem:

Aí, maloqueiro! Aí, maloqueira!/
Levanta essa cabeça/ Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)/
Respira fundo e volta pro ringue (Vai)/
Cê vai sair dessa prisão/ Cê vai atrás desse diploma/
Com a fúria da beleza do sol, entendeu?/
Faz isso por nóiz/ Faz essa por nóiz (Vai)/
Te vejo no pódio! (Emicida, 2019b).

Neste momento, também alternam-se imagens dos cantores com imagens dos personagens.

Figura 9: os gêmeos Faísca e Fumaça dançando.



Fonte: Emicida (2019b)

Figura 10: Vanderson exibindo suas medalhas.



Fonte: Emicida (2019b)

Os personagens aparecem em seu apogeu, dançando, exibindo seu diploma, ostentando suas medalhas, felizes e orgulhosas. Estas imagens compõem signos figurativos ou icônicos de representação de sucesso em seus campos de atuação e na vida.

Nesta mensagem final, Emicida convoca os receptores para superar as dificuldades da vida, faz isso, utilizando de metáforas como “levanta essa cabeça”, com o sentido de olhar para cima, “sair dessa prisão”, que conota a situação de punição e sofrimento e também do campo esportivo, “volta pro ringue” e “te vejo no pódio”, ou seja, como um vencedor. A música AmarElo (Emicida, 2019b) encoraja as pessoas para os estudos e para buscarem a liberdade. O enunciador utiliza a metáfora do sol: “com a fúria e a beleza do sol”, ou seja, com a força e graciosidade do sol, o astro que brilha no céu, fonte de luz e energia. Termina pedindo para que façam isso por “nóiz”, ou seja, pela coletividade de pessoas oprimidas, independente do local onde moram, cor da pele ou identidade de gênero e sexual.

No final, Emicida, Majur e Pabblo cantam juntos: “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”. O videoclipe do rap AmarElo pode ser interpretado como uma obra cujo objetivo é estimular a superação das dificuldades da vida de pessoas que vivem nas periferias, negros e negras e da população LGTQIA+, seja por meio dos estudos, do trabalho, do esporte e da arte. Portanto, a superação das dificuldades diárias desses sujeitos, constitui o tema do videoclipe em análise. Bakhtin (1997) explica que o tema é o sentido completo de cada enunciação, por meio dele podemos entender as diferenças sutis de significação do ponto de vista ideológico, em enunciados aparentemente semelhantes. É determinado pelas formas linguísticas do enunciado e pelos elementos não verbais da situação.

3.3 Comentários dos Internautas sobre o videoclipe

Para esta análise foram selecionados 12 comentários de internautas, que foram agrupados por proximidade temática. Antes, é importante dizer que o interlocutor, ao perceber e compreender o significado do discurso do outro, ocupa simultaneamente uma posição responsiva ativa: concorda ou discorda total ou parcialmente, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc (Bakhtin, 2003).

De um modo geral, os comentários são elogiosos ao videoclipe, muitas pessoas se identificam e parabenizam pelo trabalho. Tanto é que o vídeo recebeu 455 mil curtidas e 10 mil expressões de não gostei. Destacamos num primeiro momento, o diálogo dos internautas que tematizaram a importância dos estudos para a superação das dificuldades sociais:

Internauta 1 (Há 1 mês/aproximadamente 9 de janeiro de 2021): Incrível, me arrepiei desde a Noruega. Nasci numa favela no Distrito federal e com muita luta e os programas de inclusão educacional como o FIES me formei médica, trabalhei no Sus e hoje moro na Noruega. Essa música fala tudo o que nós passamos, fiquei pensando nas pessoas que não conseguem sair, que devida ao massacre do nosso “SISTEMA” continuam presas na ausência de oportunidades e o quanto isso é desesperador. [...] (Emicida, 2019b).

Internauta 2 (Há 1 mês/aproximadamente 9 de janeiro de 2021): Sou preto e venho da favela. Curso superior era distante demais da minha realidade. [...]. Foi duro, foi difícil! Mas fui... e as coisas foram acontecendo. Me formei em engenharia civil em uma faculdade particular com bolsa integral de estudos. Não tinha dinheiro nem pra passagem. E com muita luta minha vida foi mudando. Me especializei e estou agora no último ano do mestrado na UFMG. Fui aprovado em concurso público e desde 2018 sou professor efetivo do curso de engenharia civil no Instituto Federal. Infelizmente, para muitos [como eu] o caminho é diferente! Meritocracia é falácia! [...]. Pra mim, ser professor em uma instituição pública é uma missão! A educação muda vidas e ela precisa ser para TODOS! “Permita que eu fale, não as minha cicatrizes...” (Emicida, 2019b).

Internauta 3 (Há 5 meses/aproximadamente 9 de setembro de 2020): Eu sou preta, pobre, cria de escola pública do interior do RJ. Ousei sonhar em ser médica num país em que a medicina é profissão da Casa Grande. Passei a virada do ano de 2019 pra 2020 ouvindo essa música. “Levanta cabeça, enxuga essas lágrimas. Vc vai atrás desse diploma. Faz essa por nós” eu chorei de soluçar com esse trecho, pq eu não acreditava mais em mim. Mas eu fiz. Aprovada na UNIMONTES, UFRJ, UNIRIO, e na particular da minha cidade. Obrigada, Emicida (Emicida, 2019b).

Nesses comentários, podemos perceber que os interlocutores se identificam com as dificuldades das pessoas negras, moradores da periferia e estudantes de escolas públicas. Dois deles (internautas 1 e 2) destacaram a importância dos programas sociais de bolsas de estudos para incentivar os jovens periféricos ao Ensino Superior. A internauta 1 faz uma apreciação de que o nosso sistema social massacra as pessoas, pois muitas não conseguem ter mobilidade social. O interlocutor 2, aprecia que a educação muda vidas, mas precisa ser para todos. Ele faz uma apreciação de falácia para o discurso da meritocracia, ou seja, considera mentiroso. A internauta 3 usa a modalização apreciativa ousadia para as pessoas negras que sonham estudar medicina, pois é uma profissão da “Casa Grande”, metáfora para representar a elite.

Alguns internautas abordam em seus comentários a questão da superação do sofrimento psíquico em suas vidas, seja em relação à depressão, à ansiedade, ao pensamento suicida, ao uso de drogas ou ao preconceito:

Internauta 4 (Há 4 meses/aproximadamente 9 de outubro de 2020): Ouvindo hoje, dia 19/09/20, não tem sido um ano fácil, parece que o Emicida tava sentindo que o bagulho esse ano ia ser loko. Em meio ao caos dos nossos dias, minha mente tá um turbilhão de pensamentos, ansiedade tá explodindo, auto estima dilacerada... Sou um preto, pobre, nascido e criado nas periferias de uma das cidades mais perigosas do Brasil, de a cordo com as estatísticas era para eu estar preso ou morto, mas escolhi agarrar meus sonhos, correr atrás. Não tem sido fácil, são mil tretas, mas “Achar que Essas mazelas me definem, é o pior dos crimes”. Gratidão Majur, Pablo, Emicida! (Emicida, 2019b).

Internauta 5 (Há 1 ano/aproximadamente 9 de fevereiro de 2020): Me arrepiei. Obrigado Emicida. Faz quatro anos que não uso droga, estou me formando na faculdade e deixei de tomar antidepressivo essa semana. Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. (Emicida, 2019b).

Internauta 6 (Há 1 ano/aproximadamente 9 de fevereiro de 2020): Essa música veio no momento certo, eu estou me recuperando depois de tentar suicídio. A força que essa música me trouxe é inexplicável. Obrigada pelo trabalho de vocês (Emicida, 2019b).

O internauta 4 fez seu comentário há quatro meses, provavelmente no mês de outubro de 2020, ou seja, durante a pandemia de COVID-19. Faz a apreciação que estamos vivendo um “caos” e que tem sido um ano “difícil”. Num relato confessional, ele se diz ansioso e com baixa autoestima, se identifica como preto, pobre e de origem periférica. Estima que por esta condição, já deveria ter virado estatística, ou seja, deveria estar morto ou preso. No entanto, ele escolheu o caminho de batalhar pelos seus sonhos. O interlocutor 5 faz um relato confessional de que está um ano sem usar drogas, deixou de tomar antidepressivos e que está se formando na faculdade. Na mesma linha, a internauta 6 revela também em relato confissão que está se recuperando de uma tentativa de suicídio. Aprecia como inexplicável o encorajamento que está música trouxe para ela.

Deste modo, a mensagem do rap conseguiu condensar e fazer representar muito dos sentimentos e vivências do seu auditório. Em especial, dentro de um tema pouco debatido, como o sofrimento psíquico de ansiedade, depressão, suicídio, uso de drogas. Vale notar que em cada contexto sócio-histórico, grupos de objetos particulares ganham atenção especial e um valor particular. Para que esse objeto entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é fundamental que ele esteja ligado às condições socioeconômicas do grupo, ou seja, às bases de sua existência material (Bakhtin, 1997). O tema do sofrimento psíquico pode ser percebido, a partir de então, como algo que faz parte da vida e da realidade dos moradores das periferias urbanas e pode desencadear, portanto, uma reação semiótica-ideológica nos interlocutores.

Outros internautas destacaram em seus comentários a temática da união do rap e da cultura da periferia, com as cantoras com identidades de gênero representativa da cultura LGBTQIA+:

Internauta 7 (Há 1 mês/aproximadamente 9 de janeiro de 2021): a importância dessa música no ano em que eu me “assumi”

Internauta 8 (Há 2 meses/aproximadamente 9 de dezembro de 2020): Ahhh o rap, destruindo barreiras e construindo pontes. Emicida arreventou nessa união aí! A cultura hip hop sempre foi pesada! E em pleno século 21, a barreira do preconceito é tão idiota que não deveria existir. [...] (Emicida, 2019b).

Internauta 9 (Há 1 ano/aproximadamente 9 de fevereiro de 2020): Emicida fez as pocs escutarem Rap e os manos escutarem Drag!!! (Emicida, 2019b).

Internauta 10 (Há 1 ano/aproximadamente 9 de fevereiro de 2020): Os homofóbicos e racistas aturem ou surtem, pq a representatividade tá vindo como um furacão! Caralho, que clipe, e que letra foda! (Emicida, 2019b).

O interlocutor 7 associa esta música ao ano em que ele se assumiu, ficando subentendido que se refere a assumir sua identidade sexual. O internauta 8, elogia a união do rap e da cultura hip hop com as identidades não heteronormativas por romper preconceitos que não deveriam existir. Faz uma apreciação de idiota para o preconceito. O interlocutor 9, num tom irônico disse que Emicida fez as “pocs”, ou seja, gays efeminados ouvirem rap e os manos, ou seja, moradores da periferia, ouvirem as *drags*, remetendo às cantoras Majur e Pabblo, embora Majur não se considere *drag queen*. Por sua vez, o internauta 10 elogia a música e a representatividade no videoclipe, considera também que os homofóbicos e racistas vão ter que tolerarem ou surtarem com o videoclipe AmarElo (Emicida, 2019b).

Conforme (Weeks, 1999), a identidade sexual é um conceito fundamental para muitas pessoas no mundo moderno, pois oferece um sentimento de unidade pessoal, localização social ou até mesmo de comprometimento político. Dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica”, segundo este autor (Idem), é uma declaração de pertencimento e assumir uma posição diante dos códigos sociais dominantes. No entanto, Louro (1999) chama a atenção para o fato de que, a maior visibilidade de gays e lésbicas e a expressão pública dos movimentos sexuais tem provocado também, um revigoramento de campanhas conservadoras e de manifestações anti-gays.

Selecionamos também dois comentários de internautas que dialogam sobre a temática do conservadorismo político instalado em nosso país:

Internauta 11 (Há 1 semana/aproximadamente 2 de fevereiro de 2021): Emicida é um gênio contemporâneo. Lamento pelos dez mil “seres humanos”, que “descurtiram” o vídeo. Muitos destes não entenderam a mensagem, mas certamente se intitulam “patriotas, cidadãos de bem, defensores da família, da moral e dos bons costumes”. Essas pessoas mostram que não estão preparadas para a realidade, para o futuro e para a própria vida, pois já estão mortas. Que fase... Parabéns, Emicida! (Emicida, 2019b).

Internauta 12 (Há 1 ano/aproximadamente 9 de fevereiro de 2020): Putz conseguiram deixar até a bandeira do Brasil bonita, curando um pouco do ódio associado a ela. (Emicida, 2019b).

Conforme Bakhtin (2003) o enunciador sempre leva em conta a percepção do seu discurso pelo destinatário: se ele conhece o assunto; suas concepções, convicções, preconceitos, simpatias e antipatias, pois tudo isto determinará a sua compreensão responsiva. Neste sentido, o internauta 11 faz uma apreciação para o rapper Emicida, o considera um gênio. Ele lamenta e pressupõe que as pessoas que não curtiram o vídeo, não entenderam a mensagem e podem se enquadrar no campo conservador da sociedade. Considera, ainda, que estas pessoas não estão preparadas para a realidade, fica subentendido que é a realidade da população mais vulnerável do país, sem os privilégios da branquitude³ e do dinheiro. Ele vai mais além, aprecia que este tipo de pessoa não está preparada para o futuro e que já estão mortas.

Já o interlocutor 12 cita a bandeira do Brasil que aparece no vídeo e aprecia que dá forma que foi mostrada ela ficou mais bonita, isto amenizou um pouco do ódio associado à ela a partir do ressurgimento de grupos de extrema direita e nacionalistas na cena política brasileira. Fica subentendido que o interlocutor evoca o uso dos símbolos nacionais pelo campo político conservador, que se apropriou da bandeira como se fosse de uso exclusivo da direita reacionária que está atualmente no poder no Brasil.

Na perspectiva bakhtiniana a apreciação é responsável pelo papel criativo nas mudanças de significação, esta que é no final das contas uma reavaliação, ou seja, o deslocamento de uma palavra determinada (ou objeto simbólico) de um contexto apreciativo para outro (Bakhtin, 1997). Assim, no discurso em análise, aponta para a mudança de significado da bandeira de símbolo do campo político conservador para símbolo dos moradores das periferias e da população excluída. De fato, qualquer bandeira nacional é de todos os cidadãos de um determinado país e não propriedade de apenas um grupo.

Sobre as disputas em torno das significações, Bakhtin (1997) esclarece que os novos aspectos da existência que foram integrados no círculo de interesse social, que se tornaram objetos da fala e da emoção humana, não coexistem pacificamente com os elementos existentes anteriormente; pelo contrário, entram em luta com eles, submetem-nos a uma reavaliação, fazem-nos mudar de lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Essa evolução dialética reflete-se na evolução semântica.

³ Segundo McIntosh (1988, 1989), nas sociedades ocidentais, os brancos desfrutam de vantagens óbvias e menos óbvias, que eles podem não reconhecer que possuem e que os não-brancos não experimentam, tais como: afirmações culturais do próprio valor, suposição de maior status social, liberdade de movimento, de trabalhar, comprar e brincar livremente.

4. Considerações Finais

Neste artigo, foi desenvolvida uma análise do videoclipe de rap AmarElo (Emicida, 2019b), que começa ressaltando a situação de sofrimento psíquico de um jovem, a ansiedade, depressão e tentativa de suicídio. Depois apresenta personagens negros com diferentes tipos corporais e que superaram as dificuldades da vida em comunidades periféricas e os cantores negros e LGBTQIA+.

Em seu discurso, o videoclipe e seus enunciadores, mobilizam a escolha ideológica de palavras e imagens, modalizações apreciativas do discurso, interdiscurso, intertexto, figuras de linguagem para criar o sentido da superação e alternam o discurso em “eu” e em “nós”. Convocam o seu auditório social, utilizando o discurso no plural, para resistirem e superarem os problemas que enfrentam, para brilharem como sol e para chegarem ao pódio.

Deste modo, buscam mobilizar a coletividade de pessoas oprimidas, seja pela classe social, raça, corpo ou pela identidade de gênero e sexual, para a superação da situação de opressão. O tema do videoclipe é o da resistência e superação das dificuldades da vida de negros e negras moradores das periferias urbanas e da população LGBTQIA+, seja por meio dos estudos, do trabalho, do esporte e da arte, portanto, contribui para o empoderamento de tais grupos populacionais, historicamente marginalizada.

Em relação aos comentários dos internautas, constatamos que, de modo geral, eles são elogiosos em relação ao discurso do videoclipe e muitos se identificaram. As respostas ou comentários dos internautas ressaltaram: (1) a importância dos estudos, apesar das dificuldades encontradas; (2) a superação do sofrimento psíquico em suas vidas; (3) a importância da união e representatividade do rap junto às pessoas de identidade LGBTQIA+ para quebrar preconceitos; (4) críticas ao discurso do campo político conservador.

O videoclipe da música AmarElo, de Emicida, se mostrou como um potente discurso de resistência, superação e empoderamento de periféricos, negros e LGBTQIA+. Sua mensagem aborda tanto os problemas vivenciados por esta população, quanto aponta caminhos de superação por meio dos estudos, do trabalho, do esporte, das artes, da integração corpo, mente e espírito em busca da libertação do sofrimento e da ignorância, a busca da paz interior e da iluminação espiritual e da essência da vida.

É um produto cultural que dá voz às histórias dos que vivem e sobrevivem os processos de exclusão social no Brasil. É um videoclipe, é um documentário, é uma obra de arte, é um manifesto, é uma peça artística, é um material com muita expressão cultural e simbólica da divulgação de histórias de vida inspiradoras, de vários atores e suas diversidades de corpos, de vida, de luta e de superação. No entanto, tal como um dos fundadores dos Estudos Culturais, Raymond Williams (1979), não partilhamos do idealismo de pensar que somente a luta cultural será capaz de efetuar a mudança estrutural da sociedade. Reconhecemos que a cultura é um campo de lutas relevante, que pode e deve impulsionar a luta política, econômica em direção às mudanças necessárias rumo à uma sociedade com justiça e equidade.

Ainda assim, o videoclipe AmarElo é um discurso potente e um chamado à união, ao elo e ao amor entre tod@s, independentemente das identidades de classe, raça ou sexuais. Concordamos com Franz Fanon que: “todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser não a qualquer tentativa de opressão do seu semelhante, sinto-me solidário com seu ato” (Fanon, 2008, p. 187). Mais do que nunca precisamos de solidariedade, amor e união em defesa da vida e de todos que são oprimidos, do contrário não haverá um outro mundo possível. O discurso do videoclipe é uma narrativa de amor em tempos de cólera, um manifesto pela vida!

Referências

Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.

- Assunção, H. S., & Aiúba, A. A. (2017). Capulanas e macuti: camadas de tecidos, folhas e histórias. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, 23: 101-124.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. (4a ed.), Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (1998). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Hucitec: EdUNESP.
- Bakhtin, M. (1997). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec.
- Barthes, R. (1990). A retórica da imagem. In: Barthes, R. *O óbvio e o obtuso* (p. 27-43). Nova Fronteira.
- Belchior (1976). *Sujeito de Sorte*. LP Alucinação. Polygram Brasil/Phillips [disco sonoro].
- Berth, J. (2018). *O que é empoderamento?* Letramento.
- Brasil (2018). *Óbitos por suicídio entre jovens e adolescentes negros 2012-2016*. Brasília: Ministério da Saúde. <http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf>
- Brunt, V. (2019). Quatro jovens cantores baianos para ficar de olho. *iBahia*, 28 de março de 2019. <<https://www.ibahia.com/entretenimento/detalhe/noticia/quatro-jovens-cantores-baianos-para-ouvir-e-ficar-de-olho/>>
- Cegalla, D. (2009). *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. (48a ed.), Ed. Nacional.
- Deveza, A. C. R. S. (2013). Ayurveda: a medicina clássica indiana. *Revista de Medicina*, 92(3): 156-165.
- Durand, J. (1973). Retórica e imagem publicitária. In: Metz C. et. al. (Org.) *A análise das imagens* (p. 19-55). Petrópolis: Vozes.
- Emicida (2019a). *As histórias por trás do clipe*. Direção de Sandiego Fernandes <<https://www.youtube.com/watch?v=w6A0ySjhaHA>>
- Emicida (2019b, junho 25). *AmarElo*. Participação de Majur e Pabblu Vittar. Direção de Sandiego Fernandes. <<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silva Silveira. EdUFBA.
- Ferreira, F. T. & Cristóvão, V. L. L. (2019). “MCs de verdade não desejam sociedades sem diversidade”: o rap LGBT nas aulas de língua inglesa. *Entretexos*, 19(1): 109-142.
- Figueiredo, P. (2020). Negros são alvo de metade dos registros de violência contra população LGBT no Brasil, diz pesquisa. *G1*, São Paulo, 15 de julho de 2020. <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/15/negros-sao-alvo-de-metade-dos-registros-de-violencia-contrapopulacao-lgbt-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml>>
- Gaia, R. S. P., Vitória, A. S., Silva, C. A. & Scorsolini-Comin, F. (2020). O coração vulnerável: a masculinidade negra do sujeito periférico brasileiro cantada pelos Racionais MC’s, em Jesus Chorou. *PerCursos*, 21(46): 162-189.
- Giroux, H. (2001). Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: Silva, T. T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação* (p. 85-103). Petrópolis: Vozes.
- Godói, M., Dummel, M. A. de L., Sá, R. B. da S. (2016). Marketing esportivo, cultura hip-hop e consumo: uma análise da campanha “É possível!”. *Movimento*, 22(2): 431-442.
- Goellner, S. V. (2003). A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L., Neckel, J. F. & Goellner, S. V. (Orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* (p. 28-40). Vozes.
- Hart, W. (2012). *Meditação Vipassana: A arte de viver segundo S. N. Goenka*. Associação Vipassana de Portugal/Associação Vipassana do Brasil.
- IPEA (2020). *Atlas da violência 2020*. Rio de Janeiro: IPEA. <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>
- Jameson, F. (2001). *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. (2a ed.), Vozes.
- Louro, G. L. (2018). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.
- Louro, G. L. (1999). Pedagogias da sexualidade. In: G. L. Louro (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* [pp. 7-34]. Autêntica.
- Madeira, Z. & Gomes, D. O. (2018). Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, 133: 463-479.
- Magro, V. M. M. (2002). Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. *Cadernos Cedes*, 22(57): 63-75.
- Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições.^[1]
- Maingueneau, D. (2002). *Análise de textos de comunicação*. (2a ed.), Cortez.
- Maingueneau, D. (2000). *Termos-chave da Análise do Discurso*. EdUFMG.
- McIntosh, P. (1989, July/August). White privilege: Unpacking the invisible knapsack. *Peace and Freedom*, pp. 8-10.

McIntosh, P. (1988). White Privilege and Male Privilege: A Personal Account of Coming to See Correspondences Through Work in Women's Studies. Wellesley: Center for Research on Women.

Marques, C. (2019). Queridinha de Caetano, Gadú e Junior Lima, cantora trans Majur desponta: “Quero ser popular!”. <<https://extra.globo.com/famosos/queridinha-de-caetano-gadu-junior-lima-cantora-trans-majur-desponta-querer-ser-popular-23875217.html>>;

Nelson, C., Treichler, P. A. & Grossberg, L. (2001). Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação* (p. 7-38). (3a. ed.).

Orlandi, E. P. (2003). *Análise de discurso*. Pontes.

Philips, D. (2017). “Brazil's LGBT pop sensation: ‘I want to give them strenght’”. *The Guardian*, 21 de outubro de 2017. <<https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pablo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star>>

Silva, C. A. F. & Correia, A. M. (2008). Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30(1): 107-122.

Silva, J. C. G. (1995). *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Silva, T. T. da (1999). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Autêntica.

Souza, J. (2018). *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. LeYa.

Time (2019). *Next Generation Leaders: 10 rising stars who are changing the word in politics, sports, fashion and more*. <<https://time.com/collection/next-generation-leaders/2019/>>

Weeks, J. (1999). O corpo e a sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* [pp. 35-82]. Autêntica.

Williams, R. (1979). *Marxismo e Literatura*. Traduzido por Waltensir Dutra. Zahar.